

LASA



Revista LASA – Inverno 2017



Ficha Técnica – p.3

Editorial – p. 4

Miradouro – Perdidos nesta bruma de modernidade - p. 5

Lugares que chamam por nós - A Feitoria Fenícia de Abul - p. 6 a 8

O Lugar da Poesia – Ser Poeta: João Carlos Raposo Nunes – p. 9

Uma Figura de Setúbal – Américo Ribeiro – p. 10 e 11

Livros - Mário Moura - Contar Setúbal através das histórias médicas - 12 e 13

Livros - O Balneário Doutor Paula Borba num registo vivo - 14 e 15

Setúbal há 100 anos – A Toponímia e a memória colectiva - p. 16 a 18

Trilhos de Setúbal e Azeitão – Mistérios da Arrábida - p. 19 e 20

Gostos e Sabores da Região – A Quinta do Alcube - p. 21 e 22

Portfólio Fotográfico – Ana Férias - p. 23 a 26

Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage - p. 27

Última Página - p. 28



Revista LASA**Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão**

Inverno 2017

Coordenação Editorial:

Salvador Peres e João Reis Ribeiro

Equipa Editorial:

António Cunha Bento, Isabel Melo, Alberto Pereira,

Eduardo Carqueijeiro e João Coelho

Colaboram nesta edição:

Carlos Mouro, Carlos Tavares da Silva, Francisco Borba, João Reis Ribeiro,

Maria João Coutinho, Rui Farinho e Salvador Peres

Composição gráfica: Alberto Pereira e Salvador Peres**Imagens de:**

Ana Isa Férias, Alex Gandum, Carlos Mouro, Carlos Tavares da Silva, Francisco Borba,

Maria João Coutinho, João Reis Ribeiro e Salvador Peres

Contactos

Sede Social: Praça de Bocage, 48 – 2.º Esq.º, 2900-276 Setúbal

Telefone: +351 265 235 000

Email: lasasetubal@gmail.comSítio internet: www.lasa.pt

Por proposta da Comissão Europeia, o Parlamento Europeu adotou a decisão que estabelece 2018 como o Ano Europeu do Património Cultural.

Os grandes objectivos desta decisão são a *“promoção da diversidade cultural, do diálogo intercultural e da coesão social, visando chamar a atenção para o papel do património no desenvolvimento social e económico”*.

Sendo um dos principais objectivos da LASA contribuir para a preservação, promoção e divulgação do património cultural, esta é uma oportunidade única, que deve ser aproveitada inscrevendo no AEPC 2018, as actividades que integram o nosso Programa para este ano, e que se enquadrem neste espírito, procurando, por um lado, contribuir de forma expressiva para o cumprimento dos objectivos da decisão do Parlamento Europeu, mas, principalmente, projectar e dar visibilidade externa ao riquíssimo património cultural de Setúbal e Azeitão.

Julgo ser este o nosso caminho que devemos prosseguir com perseverança e determinação.

Estas iniciativas de âmbito internacional têm sempre subjacente um propósito de incentivar e apoiar as autoridades e instituições regionais e locais, no sentido de proteger, valorizar e promover o património cultural, num quadro que proporcione e estimule a troca de experiências com estas finalidades, tendo em conta os enormes desafios que enfrentamos com a *globalização, o desenvolvimento acelerado de novas tecnologias de informação e*

comunicação, as crises de valores e identidade, as alterações climáticas, e as pressões geradas pela cada vez maior mobilidade humana em todo o planeta.

Em Abril, iremos realizar o Colóquio **PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CIVIL DE SETÚBAL E AZEITÃO**, onde, durante dois dias e meio, iremos analisar e discutir, através da participação de pessoas altamente qualificadas para nos falar sobre tão importante tema do passado, projectado no presente e no futuro, enaltecendo a enorme riqueza cultural do nosso concelho.

Neste contexto, não posso deixar de pensar que, num futuro próximo, que bom seria podermos ir um pouco mais longe e, com o objectivo de intercâmbio de conhecimento, tentar internacionalizar uma destas realizações, convidando a estar connosco especialistas de outras paragens para dar a conhecer a nossa realidade, ajudando a enriquecê-la, colhendo o fruto de outras experiências.



Francisco Borba

Perdidos nesta bruma de modernidade

Sob esta bruma de modernidade que se adensa a cada dia que passa, já não me chega a velha bússola de escuteiro e perco-me nesta excitação de novidade permanente que se exhibe nas montras mediáticas.

O GPS também não ajuda muito, pois só me leva para destinos pré-determinados pelo satélite e engana-se muitas vezes. Quando não se engana, leva-me a lugares já impressos há muito nos guias turísticos.

Parece já não existirem destinos que não tenham sido fotografados vezes sem conta. Lugares que escapem à gula voraz do clique da câmara fotográfica. Mas o mundo ainda se vai esquivando ao enlace mortal desta frivolidade mediática. Até quando? Não sei.

Descobrir um lugar onde não esvoace o olhar electrónico das redes sociais é o maior desafio dos nossos tempos. E encontrar pessoas que ainda resistam a esta espécie de virose mediática é como procurar uma agulha no palheiro.

O mundo que conhecemos afoga-se num tsunami implacável de vulgaridade, feito de *selfies* a solo, em grupo, de braço esticado ou com *stick*.

Narciso mira-se neste espelho de modernidade, definhando, enamorado de si mesmo. E o mundo perde-se dentro de si próprio numa bruma que tudo banaliza.

Salvador Peres



A Feitoria Fenícia de Abul



Vista aérea da feitoria fenícia de Abul, com os arrozais inundados, paisagem que se aproximaria da da Antiguidade (fotografia de Eduardo Costa).

Recuemos ao século VII a.C.. Na parte superior de um pequeno promontório constituído por formações argilo-arenosas, saliente na margem direita do paleoestuário do Sado, no sítio actualmente conhecido por Abul (Herdade de Monte Novo de Palma), é construída, durante o segundo quartel daquele século, por navegadores e comerciantes fenícios oriundos provavelmente da baía de Cádiz, uma feitoria, ao serviço do estabelecimento de relações comerciais com populações autóctones da bacia do Sado.

As oito campanhas de escavações arqueológicas aí realizadas, entre 1990 e 1997, promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal em parceria com a Missão Arqueológica Francesa em Portugal (Universidade de Bórdeus), e dirigidas pelo autor destas linhas com Françoise Mayet, puseram a descoberto um conjunto de estruturas arquitectónicas correspondentes a um edifício de planta quadrangular (cerca de 22 metros de lado), cujos compartimentos se organizavam em torno de um pátio central, igualmente quadrangular (11 metros de lado). A nascente, norte e poente deste pátio foram construídos grandes compartimentos rectangulares (com 11 metros de comprimento máximo), que podiam ter funcionado como armazéns. A sul, dispunham-se, em banda, salas mais pequenas, talvez utilizadas como habitações ou/e com funções de carácter “administrativo”. O acesso a este edifício fazia-se por “torre” rectangular saliente no lado ocidental.

Feitoria Fenícia de Abul

A rodear a elevação onde se ergueu o edifício anteriormente referido, foi aberto um fosso de traçado curvilíneo, que ligava a margem fluvial (a oeste) à enseada norte, com secção transversal em V assimétrico, de 5 metros de largura máxima e profundidade superior a 2 metros.

Provavelmente na segunda metade do século VII a.C., aquela área edificada é reorganizada, sem que tivesse ocorrido qualquer abandono. Verifica-se a expansão das construções para sul e oeste; o pátio central sofre redução significativa, embora mantenha planta quase quadrangular (7x6,5 metros), e passa a ser rodeado por corredor perimetral a partir do qual se estabelece a ligação entre a entrada principal (agora situada no lado sul e servida por rampa lajeada por grandes blocos de brecha da Arrábida) e todos os compartimentos do edifício. Nos lados nascente, norte e poente mantêm-se os grandes compartimentos da primeira fase e no lado sul são construídos novos compartimentos, mas apresentando, tal como na Fase I, pequenas dimensões. No centro do novo pátio surge um “altar” rectangular (1,35m por 1,25m). O fosso que rodeava a elevação é colmatado, passando sobre ele a referida rampa lajeada. Este edifício é, pela sua planta e cronologia, por

enquanto, único na Península Ibérica, possuindo bons paralelos em arquitecturas do Mediterrâneo Oriental, na faixa sírio-palestina.

A descoberta deste local para a construção da feitoria fenícia não se ficou a dever ao acaso. O pequeno promontório era limitado a norte e a sul por enseadas que ofereciam boas condições de porto natural, e a partir dele dominava-se plenamente a desembocadura do paleoestuário do Sado que, nessa época, possuía a foz entre a Herdade do Pinheiro e a Carrasqueira, porquanto a península de Tróia não se havia ainda formado e o que é hoje o estuário seria uma ampla baía aberta ao Oceano. Além disso, Abul dispunha de excelente situação geoestratégica: localizava-se nas proximidades da confluência com o Sado da Ribeira de São Martinho, afluente que dava acesso ao maciço eruptivo da Serrinha, rico em minerais feríferos; situava-se a meio caminho entre os povoados indígenas, mas igualmente com presença fenícia, de Setúbal (colina de Santa Maria, entre o Miradouro e o Largo da Misericórdia) e de Alcácer do Sal (colina do castelo).



Pormenor da vista aérea da feitoria fenícia de Abul (fotografia de Eduardo Costa).

Feitoria Fenícia de Abul

Os abundantes artefactos e ecofactos recolhidos através das escavações arqueológicas (recipientes cerâmicos, peças metálicas, restos faunísticos, escórias de fundição, minério de ferro) não só permitiram, pela sua tipologia, datar e identificar culturalmente a ocupação fenícia de Abul, mas também documentaram a prática de diversas actividades de carácter económico como a pesca, a criação de gado ovino e bovino, a caça (do veado, por exemplo), a metalurgia do ferro e o comércio marítimo mantido com a cidade-entreponto fenícia de Gadir (actual Cádiz).

Abandonado no século VI a.C., o mesmo local viria a ser ocupado durante a época romana, entre o século I d.C. e o século III d.C., como olaria especializada na produção de ânforas destinadas aos centros fabris de molhos e salgas de peixe de Setúbal, Tróia, Comenda, Creiro, onde eram utilizadas, como contentores, para o transporte, sobretudo por via marítima, dos preparados piscícolas.

Não obstante a importância científica e patrimonial do sítio arqueológico de Abul, facto que levou o Estado a classificá-lo como Património Nacional, o seu estado de conservação é deplorável, encontrando-se votado ao mais completo abandono. Localizado em plena Reserva Natural do Estuário do Sado, deveria ser considerado como uma mais valia ao serviço da promoção desta área protegida enquanto recurso económico endógeno com elevadas potencialidades no domínio do turismo cultural.

Carlos Tavares da Silva



Abul. Pátio central, rodeado pelo corredor perimetral. Seg. F. Mayet & C. Tavares da Silva, 2005

Bibliografia principal

MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (2000) - *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Diffusion E. Bocard.

MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (2002) - *L'atelier d'amphores de Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. Bocard.

MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (2005) - *Abul. Fenícios e Romanos no vale do Sado/Phéniciens et romains dans la vallée du Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Ser Poeta: João Carlos Raposo Nunes

João Carlos Raposo Nunes (n. 1955) é poeta desde sempre e tem como última e actual profissão a arte de livreiro e de alfarrabista, dando vida à Livraria Uni-Verso, situada na zona histórica de Setúbal, que, entre livros e descobertas, tem alimentado também o espírito das tertúlias, com frequências bem ilustres da nossa cultura como foram Agostinho da Silva ou Luiz Pacheco ou como são António Barahona ou António Cândido Franco.

Autor de *Todo o Voo (que termina) Neste Corpo* (1976), *É Esta a Nossa Onda Gigante e 30 Haiku* (1977), *O Rolar da Pedra* (1980), *Flores Dispersas* (1986), *Enviado ao Abandono* (1988), *Bulbul – Cânticos Arrábidos* (1990, prefaciado por Agostinho da Silva) e *Brancura - Livro de Haikus* (2016), Raposo Nunes foi também coordenador da página literária “Arca do Verbo”, integrada no periódico *O Setubalense* de há uns anos.

Adepto incondicional da expressividade da palavra, é um dos nomes mais conhecidos em Portugal na composição de “haikus”, género poético originário do Japão, disso dando prova nos cinco poemas até agora inéditos que aqui se reproduzem em fac-símile.

João Reis Ribeiro

5 HAÍKU (INÉDITOS) DE JOÃO CARLOS RAPOSO NUNES

UM PASSARINHO
LEVOU NO BICO
A MINHA ALMA

✱

CAI A CHUVA
DANÇAM OS LIVROS
ALEGREMENTE

✱

DORMEM OS GATOS
DEPOIS DE OUVIREM
UMA LONGA HISTÓRIA

✱

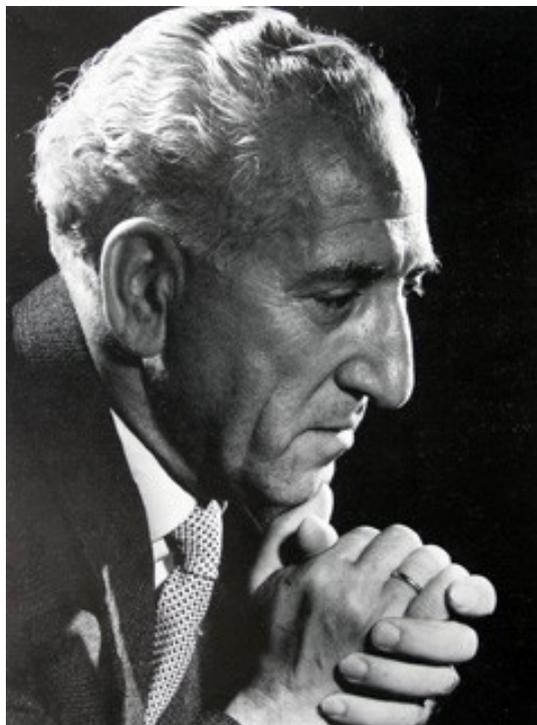
CABISBAIXO
COMO UM TOURO ENRAIVECIDO
VEM DORMIR COM A LUA

✱

A PREGUIÇA ENROLA
SUA VERDADE
A LAHINHA DO TAIFA

Setúbal 2017
PRIMAVERA / VERÃO

Américo Ribeiro (1906-1992)



Américo Ribeiro nasceu 14 de Janeiro de 1906 em Setúbal na rua Antão Girão. Era filho de Manuel Pereira Ribeiro e de Virgínia Amélia Ribeiro, neto paterno de João Ribeiro e de Maria Filipa e materno de Joaquim do Nascimento e de Ana de Jesus, e foi baptizado a 6 de Setembro de 1908 na igreja de Santa Maria da Graça, tendo por padrinhos Manuel Augusto Cantanhede e Maria da Graça Cantanhede. Casou com Ernestina da Paixão a 4 de Outubro de 1942 na mesma igreja de Santa Maria e faleceu a 10 de Julho de 1992, tendo deixado um vasto legado fotográfico, que valeu a criação do Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro na terra que o viu nascer.

Tendo frequentado a antiga Escola Comercial de Setúbal, foi carpinteiro na Câmara Municipal e trabalhou na papelaria de Etelvino José Machado. Expôs os seus primeiros instantâneos numa montra do estabelecimento comercial de Alberto Sartóris, na rua Antão Girão, e em 1927 já desempenha oficialmente as

funções de fotógrafo para o jornal *O Setubalense*, tendo realizado outras actividades no mesmo meio laboral para periódicos como o *Diário de Notícias*, *A Bola*, *Correio da Manhã*, *O Século*, o *Record* e a revista semanal *Stadium*, entre outras. Paralelamente, inaugurou e explorou dois estúdios fotográficos: Foto Cetobriga (Setúbal, 1936) e Foto Améri (Sesimbra, 1960). Próximo do movimento associativo local, foi membro do Grupo Dramático Juvenil de Setúbal, do Orfeão Cetóbriga, do Vitória Futebol Clube e da Sociedade Musical Capricho Setubalense.

Realizou exposições individuais e esteve representado em exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro, de que se destaca a XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (1983) ou aquelas em que participou na antiga República Federal Alemã, França e Inglaterra.

Foi agraciado com os primeiro e terceiro prémios do certame organizado pela Comissão de Turismo (1960), as Medalhas de Ouro da Cidade (1981) e de Honra (na classe da Cultura) (1985), bem como com a de Mérito Distrital (1991).

Das várias cambiantes da sua fotografia salientam-se o retrato do tecido sociocultural de uma cidade marcada pela indústria conserveira, os eventos públicos e privados e a paisagem urbana e rural da península de Setúbal. No que ao fotojornalismo concerne destacou-se na cobertura de várias visitas à cidade de presidentes da República Portuguesa, bem como da rainha Isabel II de Inglaterra em Fevereiro de 1957.

Américo Ribeiro (1906-1992)



O Rapaz dos Passarinhos" por Sérgio Odeith

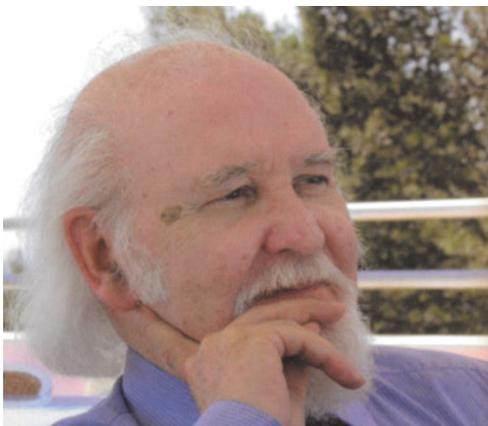


Em 2014, a emblemática fotografia "O Rapaz dos Passarinhos" foi perenizada pelo artista Sérgio Odeith num mural da cidade, inaugurado a 28 de Março desse ano, sendo, possivelmente, uma das maiores homenagens póstumas que lhe foi consagrada, a par da circunstância do seu nome ter sido atribuído a uma praça, pela Comissão de Toponímia da Cidade. Em 2016, a Câmara Municipal de Setúbal assinalou o seu 110.º aniversário natal, com a exposição "Dizem que é Américo! Um Fotógrafo | Outras Imagens | Novos Olhares", que teve lugar na Casa da Cultura, e que deu origem a um catálogo retrospectivo da sua obra.

Tendo por base o seu espólio, sobressaem no mundo editorial vários álbuns e estudos, como *Américo Ribeiro: um fotógrafo na cidade* (1986), *Setúbal d'outros tempos: um tesouro guardado* (1992), *Setúbal: imagens da história religiosa no século XX. Álbum fotográfico comemorativo da criação da Diocese de Setúbal, 1975-1995* (1995), *Estuário do Sado, Tesouro da região de Setúbal: apontamentos históricos sobre Setúbal e o seu porto* (1996), *Setubalenses de mérito* (2003), *Américo Ribeiro Todos os Dias* (2006), lançado na ocasião do 100.º aniversário do seu nascimento, *A escola que abraçou a cidade: Escola Secundária de Sebastião da Gama (1888-2000)* (2008), *Instantâneos do movimento: o desporto na coleção fotográfica de Américo Ribeiro* (2016) ou *Azeitão vista por Américo Ribeiro* (2017).

Maria João Pereira Coutinho

Mário Moura - Contar Setúbal através das histórias médicas



No prefácio à edição espanhola de *Retalhos da Vida de um Médico*, de Fernando Namora, o crítico madrileno Gregório Maraño (também ele escritor e médico) escreveu algo como: “O essencial da profissão médica não é a dor, não é a doença, mas as circunstâncias que a rodeiam. O acto de curar, teoricamente, as maleitas que se podem curar é um problema de dois e dois serem quatro que qualquer um poderia aprender em poucos meses. Mas o importante na Medicina é o halo misterioso de circunstâncias imprevistas que rodeia a doença, que dependem, umas, da personalidade do doente, e outras, as mais importantes e numerosas, do seu ambiente”.

Recorro a esta citação para a associar ao mais recente livro do médico e também escritor Mário da Silva Moura (n. 1927), *Os “Acasos” na Construção da Vida* (Book Link, 2017), que, como subtítulo, na capa, apresenta a explicação seguinte: “contos médicos que dão sentido à Utopia, à Fé e ao Amor, como exemplos de Liberdade e Humanidade”. Só esta nota de apresentação envolve um programa ou uma forma de estar na vida e na medicina, de tal maneira são referências os valores que a integram, ficando o leitor a pensar que, pelo caminho das narrativas, eles vão ser o norte e a âncora de personagens e de práticas.

Os treze contos são antecidos de um texto preambular em que o autor descobre a origem dos escritos, maioritariamente publicados no âmbito de colectâneas de contos médicos sujeitos ao mote “o lado humano da medicina”, incentivadas pela Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, pela indústria farmacêutica e pela editora Padrões Culturais. Mas a vantagem de este texto introdutório é mais vasta, pois faz considerações sobre o percurso da prática médica do próprio autor, evolução que,

já no final, sintetiza desta maneira: “Em toda esta minha caminhada na compreensão do adoecer humano, fui avançando da medicina exclusivamente biológica dos meus tempos de faculdade para os conceitos mais globais da medicina psicossomática, entrando rapidamente na consideração das influências do meio no desenvolvimento do ser humano e depois, como é evidente, no seu adoecer; o que nos levou à medicina biopsicossocial, e daí à consideração dos processos definidores dos nossos ambientes, bem como da acção da nossa capacidade criativa.”

Assim mostrado o percurso, Mário Moura abre depois o pano para que vários dos seus pacientes desfilem no seu consultório e nas suas vidas, sempre tendo como fundo o cenário de Setúbal, que conseguimos reconhecer pela paisagem histórica, geográfica e social que nos vai sendo apresentada, sempre com pinceladas de autenticidade, caucionadas por referências ao contexto.

Muito embora as personagens povoem histórias que podem sugerir o domínio do ficcional, a verdade é que todas elas foram construídas a partir do cruzamento de pessoas com o autor, assim se estando perante narrativas autobiográficas, algumas bem coladas à história real de vida, como acontece logo com a primeira, em que perpassa a história de amor entre o médico e a paciente. Personagem central e permanente em todos os contos é o médico, sempre o mesmo, como é referido no relato “História dum crime... já prescrito”, invocando acontecimento de 1954, ao mencionar “o protagonista destas histórias”. E o médico, muito embora mereça do narrador o tratamento preferencial na terceira pessoa, assim sugerindo alguma ficcionalidade, passa também por relatos na primeira pessoa, sendo dado ao leitor observar a sobreposição dos momentos da vida do autor e dos passos da narrativa (estudo em Coimbra, chegada a Setúbal, hospitais e serviços em que trabalhou, prática jornalística, por exemplo - esta junção de percursos poderá ser mais evidente se o leitor acompanhar a leitura desta obra com outra que Mário da Silva Moura publicou em 2013, *À Conquista da Liberdade*, esta assumidamente autobiográfica).

Mário Moura - Contar Setúbal através das histórias médicas

O último conto, “A história de um ombro”, resolve definitivamente a questão da autobiografia, recorrendo mesmo ao autorretrato: invocando a história passada em 1954 relatada no primeiro conto, é dado o salto para seis décadas depois, em 2014, quando, “ali ao lado, estava sentado num cadeirão o nosso clínico, agora marido da doente, de cabelo e barba branca, (...) ainda com algum vigor intelectual, mas algo alquebrado pelos seus 86 anos de idade”. O tal “velho clínico” aproveitava para rememorar a sua vida enquanto acompanhava a hospitalização da esposa, momento em que “seis décadas de vida passaram em revista” com sinal positivo - “Era o saldo duma vida de paixão e amor. Era o saldo duma vida de trabalho, vivida a dois, era a visão daquele braço que nascia daquele ombro, segurando ao colo os nossos cinco filhos”. É um texto em que o narrador se junta com a personagem central, momento que legitima a autobiografia. E a terminar o conto e o livro, novamente essa sobreposição, agora justificada pela oferta a “esta mulher a quem dedico este escrito, vivenciado no quarto dum hospital comigo ao seu lado.”

Ao longo dos contos, Mário Moura assume muitas vezes também o seu papel de comentador, fazendo considerações sobre a medicina, sobre as condições de trabalho, sobre a prática médica, defendendo sempre o interesse pela Medicina Geral e Familiar, revelando uma preocupação com a evolução na sua área de trabalho e uma atenção permanente à nobreza do acto médico.

Este livro conjuga, assim, as histórias dos pacientes e a história do próprio médico, parecendo um hino de amor à profissão e também uma ode ao amor vivido pelo próprio narrador-autor, deste modo se justificando a chamada inicial da referência de Marañon e a afirmação

dos valores expressos na brevíssima apresentação do subtítulo da obra. Por outro lado, mesmo tratando-se de um conjunto de experiências pessoais (e também por isso), este livro afirma-se como um contributo importante para a história da medicina e da assistência em Setúbal, quer pelas descrições que faz da vida no Hospital do Espírito Santo, quer pela formação que reclama para a evolução da medicina local, quer pelos retratos sociais que dão corpo às suas narrativas.



Mário da Silva Moura
Prémio Miller Guerra - 2012

OS “ACASOS” na construção da vida

Contos médicos que dão sentido
à Utopia, à Fé e ao Amor,
como exemplos de Liberdade e Humanidade



O Balneário Doutor Paula Borba num registo vivo

O Balneário Doutor Paula Borba começou a germinar em Setúbal no Verão de 1917, sendo lançada a sua primeira pedra em Maio de 1919. A sua importância na saúde dos setubalenses foi provada ao longo dos tempos, com uma história que diz muito também sobre a intervenção cívica e sobre a construção de paradigmas de bem-estar. Apesar do ar espartano que o edifício apresenta no seu exterior, por ali passou um mundo de envolvimento, de inovação e de progresso.

A história pode ser lida no livro *O Balneário - Memória de Setúbal*, de Francisco Borba (Setúbal: ed. Autor, 2017), obra apresentada publicamente na tarde de 9 de Dezembro, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, em sessão muito concorrida.

A sessão abriu com uma intervenção de António Cunha Bento, que falou sobre a importância dos arquivos

familiares para a história local e sobre a preservação que aos mesmos deve ser dispensada. A apresentação do livro coube a João Reis Ribeiro, que defendeu a importância desta obra sob os ângulos da história local, do jogo que os documentos fazem com o tempo e do contributo dos arquivos familiares para a memória colectiva. O autor, Francisco Borba, justificou o seu trabalho por razões de defesa do património, de ligação afectiva e de vontade de partilhar o arquivo de família com a terra que o viu crescer. A encerrar a sessão, interveio a vereadora Eugénia Silveira e Silva, a congratular-se com o contributo dado com esta obra para o conhecimento.



O Balneário Doutor Paula Borba num registo vivo



Para João Reis Ribeiro, que divulgou o texto de apresentação no endereço <http://nestahora.blogspot.pt/2017/12/francisco-borba-contar-historia-do.html>, esta obra interpela “para um sentido de responsabilidade que vai além do gesto de partilhar: é que o edifício foi construído para resolver um problema da população, com a ajuda e o empenho dos setubalenses. Passados anos, passadas tantas voltas, seria bom que se pudesse contar com a permanência deste marco de altruísmo, de generosidade e de saúde e que, independentemente de outras finalidades que lhe possam ser cometidas, ali fosse albergado um núcleo museológico sobre a prática da saúde e da assistência em Setúbal, uma hipótese que Francisco Borba aflora quase em sussurro no final do seu escrito. Seria uma boa forma de preservar a história, de mostrar a importância que Setúbal teve neste plano e de cultivar a memória!”

Francisco Borba (n. 1941), estando neste momento como Presidente da Direcção da LASA, é ainda autor de *Museu de Setúbal e o seu Fundador João Botelho Moniz Borba*, publicado em 2010.

A Toponímia e a memória colectiva (Brevíssimas notas sobre um caso de Azeitão)



José Augusto Coelho (1865-1919), foi alvo de uma homenagem toponímica, na terra natal, em 1919 (*Jornal de Azeitão*, 9-5-998).

A memória colectiva é a construção social resultante da intersecção de três vectores: o tempo, a lembrança e o esquecimento. É, assim, um processo, algo de plástico e em contínuo (re)fazer, ao sabor do que os grupos, num dado tempo, quiseram recordar e, também, do que os mesmos quiseram esquecer. O estudo sincrónico e diacrónico da toponímia urbana é uma forma privilegiada para o conhecimento desse processo, porquanto nos permite determinar quais os valores, os nomes, as datas históricas fundamentais que num dado momento as sociedades quiseram lembrar, quiseram afirmar e, também, quais os valores, os nomes e as datas que os mesmos grupos pretenderam... esquecer.

Entre 1910 e 1926, durante a I República, operou-se de norte a sul de Portugal uma autêntica “revolução toponímica” que afectou cidades, vilas e aldeias. Proliferaram designações como: “República”, “Cândido dos Reis” (ou “Almirante Reis”), “Miguel Bombarda”, “Sara de Matos”, “28 de Janeiro”, “5 de Outubro”... Por outro lado, apearam-se “letreiros de ruas” com nomes de santos ou com referências à Igreja, apagaram-se apelidos de monarcas ou de membros da família real, eliminaram-se velhos topónimos morfológicos, profissionais, etc. As zonas históricas das nossas

localidades transformaram-se em função daquelas alterações. Arcaicas designações foram substituídas por nomes de heróis e mártires republicanos, por datas tidas como fundamentais marcos da história do novo regime, por referências a valores republicanos e à própria República. Foi a tentativa de criação de um novo capital simbólico, de uma mais-valia utilizável (e utilizada) para afirmação do inédito figurino político. Construía-se, também por esta via, uma nova e alternativa memória colectiva.

No concelho de Setúbal, entre a implantação da República e o golpe militar que instituiu a Ditadura, a onda rebaptizadora a que nos referimos buliu com 93 topónimos. Deste conjunto de novas denominações, 76 (81,7%) respeitam à alteração da nomenclatura já existente e apenas 17 (18,3%) são inéditas, adoptadas para nomear artérias já traçadas, mas sem designação específica, ou para identificar novos arruamentos, surgidos com o natural desenvolvimento urbano de Setúbal, dos lugares de Azeitão e da vila de Palmela (que entre 1855 e 1926 integrou o concelho de Setúbal).

Relativamente aos topónimos introduzidos saliente-se, desde logo, o peso da antroponímia: 10 casos (76,9%). Os nomes homens (rarissimamente de mulheres) a designarem as artérias urbanas portuguesas surgiram ou, no mínimo, difundiram-se e afirmaram-se ao longo da centúria de oitocentos. Foi uma prática típica do poder liberal, como forma de homenagear os políticos, os autores, os jornalistas, os beneméritos e, ainda, os exploradores africanos, após a revolução toponímica subsequente ao *Ultimatum* (11-1-1890). Os republicanos foram, tão-só, os continuadores desta tendência. Seguem-se os topónimos institucionais (2 casos, 15,4%) e, por fim, surge, como autêntica novidade, um cronotopónimo (“Largo 5 de Outubro”). De facto, as datas não designam qualquer artéria concelhia nos roteiros editados em 1891 e no ano seguinte. No concelho a cronotoponímia é, pois, uma inovação republicana.

A Toponímia e a memória colectiva (Brevíssimas notas sobre um caso de Azeitão)

Alterações toponímicas e topónimos novos no concelho de Setúbal (1910-1926)

LUGAR	Alt.	% ^(a)	Novos	% ^(a)	Total L	% ^(b)
Setúbal	54	80,6	13	19,4	67	72
Palmela	12	92,3	1	7,7	13	14
Azeitão	10	76,9	3	23,1	13	14
Total C	76	81,7	17	18,3	93	

^(a) 100 = Total L (por lugares); ^(b) 100 = Total C (do concelho).

Vejamos os dados relativos aos lugares de Azeitão:

Antiga designação	Tipo	Nova designação	Tipo	Ano	Mês	Dia
Praça dos Paços do Duque de Aveiro	ARQ	Praça da República	INS	1911	2	15
Rua do Chafariz	ARQ	Rua Almirante Reis	ANT	1911	8	10
Rua de S. Simão	HAG	Rua Machado dos Santos	ANT	1911	8	10
Rua do Poço	ARQ	Rua Miguel Bombarda	ANT	1911	8	10
Rua de Palmela	GEO	Rua Joaquim Brandão	ANT	1911	8	10
Largo da Aldeia de Pinheiros	(***)	Largo da República	INS	1911	8	10
Largo dos Salinas	ANT	Largo 5 de Outubro	CRO	1911	10	4
Largo sem nome	(***)	Praça Fernão Vasques	ANT	1917	1	16
Rua sem nome	(***)	Rua Dr. António Soares Franco	ANT	1917	1	16
Rua Machado dos Santos	ANT	Rua António França Borges	ANT	1917	7	24
Rua da Misericórdia	INS	Rua Joaquim Rasteiro	ANT	1918	1	8
Largo das Parreiras	BIO	Largo Joaquim Rasteiro	ANT	1918	1	8
Rua Direita	MOR	Rua José Augusto Coelho	ANT	1919	?	?

Tipos toponímicos: ABS – Abstractos; ANT – Antropónimos; ARQ – Arquitectónicos; BIO – Biotopónimos; CRO – Cronológicos; D&C – Dignidades e Cargos; GEO – Geotopónimos; HAG – Hagiotopónimos; INS – Institucionais; MOR – Morfodireccionais; PRO – Profissionais. (***) – Artérias sem anterior designação.

A Toponímia e a memória colectiva (Brevíssimas notas sobre um caso de Azeitão)

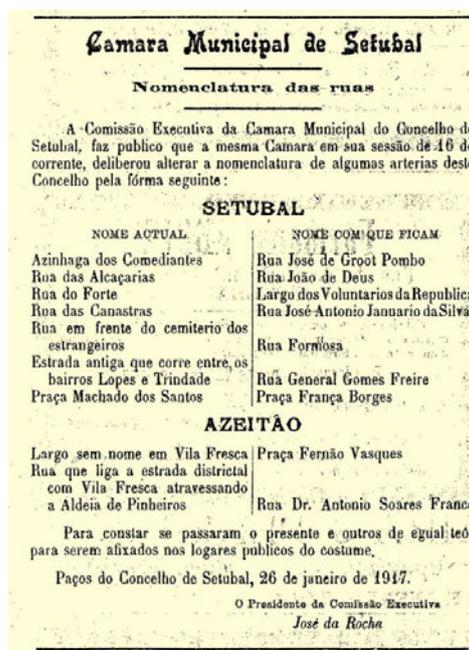
Quanto às designações suprimidas, do lado do esquecimento, sublinhe-se a variedade de tipos toponímicos abolidos e a significativa supressão de um hagiotopónimo: “Rua de S. Simão”. A hagiotoponímia portuguesa medrou com a crescente influência das instituições religiosas na vida portuguesa. O Liberalismo, com a extinção das Ordens Religiosas, e, depois, a República anticlerical e laica reduziram drasticamente o número destas designações. No concelho desapareceram 25 (32,9% do total de supressões), sendo 16 em Setúbal (64% do total do concelho), 8 em Palmela (32%) e apenas 1 em Azeitão (4%).

Tão vasto processo renovador não foi pacífico.

Excede a economia destas linhas a enumeração de todos os casos. Fiquemo-nos por um exemplo.

Em 1919 os autarcas setubalenses deliberaram incluir na toponímia de Vila Nogueira o nome do proprietário e pioneiro republicano José Augusto Coelho (1865-1919), homenageando, assim, a memória deste azeitonense, falecido há pouco. Para tal foi suprimido um antigo topónimo morfodireccional: Rua Direita. Aquela decisão, porém, gerou breve polémica que importa conhecer, até porque ela ilustra bem a luta travada pelo domínio da matéria toponímica, que o mesmo é dizer pelo domínio de um factor importante na construção da memória colectiva local. A luta envolveu, neste caso, dois órgãos autárquicos: a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal. Sigamos o caso pelo relato d’*O Setubalense* (31-5-1919). Em sessão de Câmara de 30 de Maio foi analisado um ofício “da Junta de Freguesia de S. Simão, de Azeitão, comunicando ter dado o nome de Rua Dr. Magalhães Lima à antiga Rua Direita, e a uma outra rua o nome do falecido republicano José Coelho”. Continuemos a acompanhar o invulgar registo: “A vereação, ao terminar a leitura do ofício, insurge-se contra ele” estribando-se em dois argumentos: em primeiro lugar, não era admissível tal comportamento por parte da Junta de Freguesia, pois que só à Câmara competiam as alterações à nomenclatura das ruas; depois, não

deviam atribuir-se às ruas do concelho nomes de pessoas ainda vivas, como mandava “uma deliberação antiga”. Diga-se, a talhe de foice, que fora em sessão de Câmara de 19 de Fevereiro de 1913 que se deliberara não dar às ruas nomes de pessoas cujo falecimento tivesse ocorrido há menos de cinco anos. Uma vez serenada aquela alteração, um dos vereadores, após “estranhar que a Junta de Freguesia tivesse procedido assim”, proporia que à antiga Rua Direita fosse “dado o nome do velho soldado da democracia e paladino do bem, que em vida se chamou José Augusto Coelho”. A proposta foi aprovada por unanimidade. Meses depois, a 2 de Novembro, a Sociedade Perpétua Azeitonense realizaria uma “manifestação fúnebre à memória de José Augusto Coelho”. Saldava-se, assim, “uma dívida de gratidão”. Lamentava-se “que a Junta de Freguesia respectiva não quisesse ainda perpetuar a memória do ilustre azeitonense, respeitando a deliberação da Câmara transacta”, fazendo colocar a respectiva placa. Era a vingança!



Edital de 26 de Janeiro de 1917 com alterações toponímicas em Setúbal e Azeitão.

Mistérios da Arrábida

Deixem-me partilhar convosco uma experiência que não sei se deva chamar-lhe transcendental ou mística. Bem, o adjectivo pouco importa. Vocês julgarão. Vamos aos factos.

1.º andamento - Verão de 1979, Praia de Albarquel, 23h30

Um jovem casal de namorados, ambos na casa dos vinte anos, está deitado na areia ainda quente da praia da Albarquel, perto de Setúbal, contemplando o céu estrelado daquela magnífica noite de verão.

Não há luar. A escuridão é apenas levemente quebrada pelas luzes difusas da cidade, que brilham ao longe. Seriam para aí umas onze e meia, quando uma estranha luz chama a atenção da jovem.

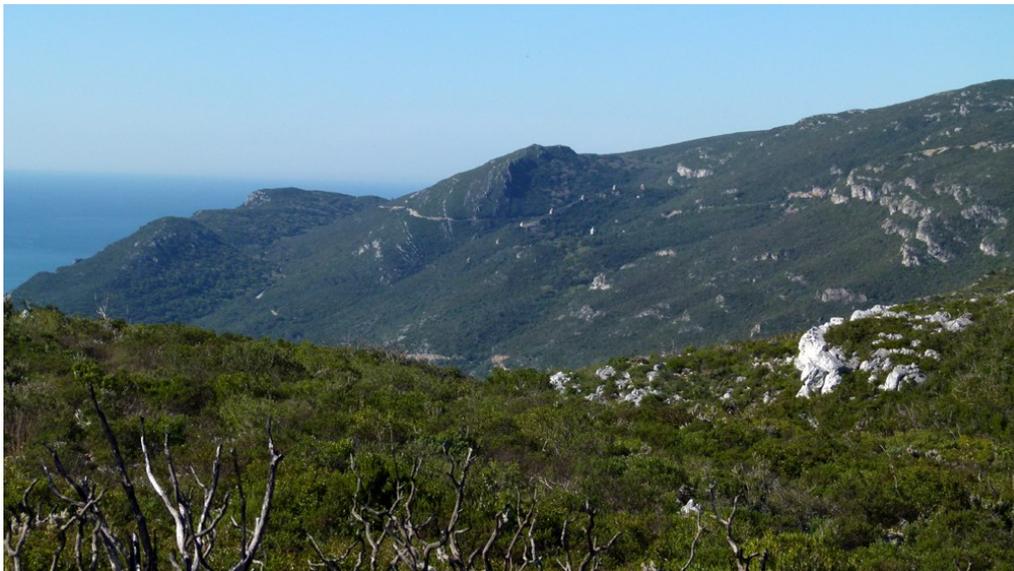
Intrigada, alerta o companheiro para o fenómeno. Vinda dos lados da Sécil, por cima da densa mata que entra pela Serra adentro e vai até aos bosques da Comenda, duas luzes intensas parecem pairar por sobre a vegetação. Ao princípio, pareciam faróis de automóvel, mas logo

puseram essa hipótese de lado: um automóvel não podia andar àquela altura, muito acima da estrada e, além disso, havia a intensidade da luz, não conheciam nenhum automóvel que gerasse uma luz tão brilhante.

Estavam nesta indecisão, quando as luzes iniciaram um percurso na direcção da praia, pairaram um pouco por cima das águas e, de súbito, com uma velocidade alucinante, num mar de luz, desapareceram no céu. O casal ficou electrizado. Sem palavras, como se tivessem sido atingidos por um raio.



Mistérios da Arrábida



2.º andamento - Verão de 1979, Mata da Comenda, 23h30

Éramos cinco rapazes, todos na casa dos vinte anos. Caminhávamos, há cerca de vinte minutos, em silêncio e numa escuridão absoluta, na direcção da densa mata da Comenda. Objectivo: cumprir uma praxe antiga. Um grupo de escuteiros novatos estava acampado na mata e era preciso pregar-lhes a partida da praxe. Experiência por que nenhum dos que compunha o grupo não tivesse já passado. A escuridão era total. Não só porque não havia lua, mas, também, porque, naquele local a mata cobria-nos de tal maneira que, mesmo em noites de lua-cheia, só uma claridade mortiça consegue penetrar na mata. Estávamos a poucos metros das tendas quando aquilo aconteceu. Foi súbito, arrebatador, inesperado, fulminante: uma luz cegou-nos completamente. A mata, no espaço de dois ou três segundos, foi inundada de uma luz branca, intensa, como se o sol de repente se acendesse perto dos nossos olhos e tudo iluminasse. Ficámos aturdidos, estáticos, sem reacção. Quando recuperámos, olhámos uns para os outros e o que vimos no olhar do parceiro foi o mesmo deslumbramento e a mesma interrogação: o que se teria passado?

3.º andamento - Domingo, 10 de Abril de 2002, Monte Abraão, Arrábida

Um grupo de 17 pessoas acabava de subir ao Monte

Abraão, na Serra da Arrábida. Era o culminar de uma jornada cultural que começara no Sábado à noite, em Setúbal. Chegados lá acima, sentados junto à cruz que dava início à via sacra dos monges arrábidos que ali viveram desde o século XVI e os levava, depois, até Azeitão, o Nuno David desafiou-nos a contar histórias passadas, ou não, na Arrábida. Ele, que na véspera, nos contara várias no sarau de poesia que então ocorrera. Quando chegou a minha vez, contei duas: a primeira, uma história de magia que vivi há muitos anos nas falésias da Arrábida. Uma história que teve o mar, a lua, os pescadores e uma noite de sonho por palco; e outra, imaginem, a experiência da Comenda. Pois é verdade, eu era um dos cinco rapazes que ficou deslumbrado por aquela luz estranha e intensa na mata da Comenda. Quando terminei a história, no silêncio que se seguiu, um homem na casa dos quarenta, que veio ao passeio acompanhado pela mulher e por uma filha, olhou para mim e disse-me: eu sei que luz foi essa; eu e a minha mulher também a vimos na Albarquel, éramos, então, dois jovens namorados. E contou a história com os pormenores que já leram.

Pois é, meus amigos. Foram precisos 23 anos para que três testemunhas de um mesmo fenómeno se encontrassem. E, imaginem, na Arrábida, palco desse estranho fenómeno. Podiam nunca se ter cruzado.

Era o mais certo. Terá sido a força telúrica da Serra que nos juntou?

A Quinta do Alcube



Em 1973, comprei o meu primeiro carro. Ambição natural dos meus trinta anos, ela foi reforçada pelo nascimento de um filho, a quem sonhava mostrar o mundo. E , naturalmente, passear , mostrar e ensinar a admirar aquilo que mais perto fica da nossa porta, antes de outros horizontes. Ir até à Figueirinha, dar a volta pela Serra da Arrábida, conhecer a Comenda, São Luis, Vale dos Barris, Azeitão e seus diversos encantos, enfim, fazer um turismo doméstico, sem ir para longe, e proporcionar momentos de prazer familiar e de natural apego à terra onde nascemos e vivemos.

Já nessa época, sempre que seguia de Setúbal na direcção de Azeitão pela EN 10, no local conhecido por Cruz da Légua, era tentado a virar à direita por uma estrada secundária que serpenteava serra acima até se encontrar de novo com o itinerário principal, bem lá no topo, junto a uma ermida - de Nossa Senhora das Necessidades - que soube ter sido erigida no século XVIII, para acolher a "Cruz das Vendas", cruzeiro gótico classificado como monumento nacional já no séc. XX. Na referida estrada, toda ela cheia de graça bucólica, uma pequena ponte se destacava e convidava a paragem, principalmente no inverno, após chuvadas, quando se formava, na ribeira, uma cascata de apreciável caudal. Junto à ponte, a entrada por um

caminho estreito conduzia à Quinta do Alcube. Estacionava e entrávamos por ali fora, gozando o perfume da manhã, vendo as oliveiras, a vinha, indo até à casa dos proprietários, típica casa de campo com algumas alfaias, galinhas e patos, cães e gatos, o curral das ovelhas e uma queijaria.

Passaram mais de quarenta anos. A ribeirinha lá está igual, a cascata ganha vida sempre que chove, e a entrada para a Quinta do Alcube está tão franca e aberta como sempre esteve. Mas muito mudou lá por dentro. Houve grande limpeza de árvores, poda das oliveiras, a vinha expandiu-se em área e em multiplicidade de castas de videiras, o que possibilitou a produção de vinhos de uma só casta e de vinhos de duas castas competentemente apuradas e doseadas pela sabedoria do enólogo Jaime Quendera. Produz-se vinho branco e vinho tinto. E rosé, para além de, em certos anos haver possibilidade de "fazer" um óptimo "colheita tardia". E se o espumante, última aventura ganha por João Serra, proprietário da Quinta, é considerado pelos especialistas um dos mais equilibrados que se produzem por cá, já os Reserva, assim denominados só em anos especiais de vindima, não requerem especialistas para ser classificados no topo dos grandes tintos que nos passam pelo palato.



A Quinta do Alcube



Podemos provar estes vinhos acompanhados por um excelente queijo de ovelha, na sala de visitas da Quinta do Alcube. É um espaço bem acolhedor, anexo à loja e à moderna adega. E depois dar um repousante passeio por todo o espaço, ver os patos , os gansos , galinhas e galos, pavões, avestruzes, porcos e cabras, inevitáveis pombos e passarinhos de espécies variadas, além de poder encontrar pastando, o rebanho das ovelhas. Quase certo é encontrar também, especialmente em manhãs de outono ou primavera, grupos de ciclistas aproveitando o fim de semana para praticar desporto, ou, curiosamente, cavaletes, paletas e pintores, de olhos postos nos quatro pontos cardeais, captando em todas as direcções as imagens fantásticas que se abrangem da Quinta do Alcube. É um paraíso para os pintores.

Para concluir a visita, se o cansaço ou uma saborosa preguiça nos atacar, deixemos o carro ao lado da adega, e descansemos o fim da tarde e a noite, numa das três casas - Moscatel, Trincadeira e Castelão - concebidas com todas as condições modernas e de conforto, e anexas ao edifício principal da quinta, constituindo o último passo dado no sentido de oferecer em espaço rural, um acolhimento de alto nível, com tranquilidade total.

A Quinta do Alcube, dista de Setúbal por automóvel, apenas 5 minutos.

Rui Farinho

Paisagens imaginadas - Ana Férias**Fotografia Digital - 2017**

“Pretendem ser imagens que potenciam a projeção do observador na criação das suas próprias interpretações e narrativas. Evocam universos “estranhos”, confabulados, construídos por texturas orgânicas, líquidas, transparentes, manchas negras macias, rugosas, rígidas etc., onde a fronteira do que está dentro e fora é muito ténue. O uso do plástico nestas imagens é essencial, pois é um material que exploro há muito tempo. Interessa-me a plasticidade do mesmo enquanto elemento visual de leveza e, por vezes, quase etéreo, mas que, ao mesmo tempo, comporta em si um peso enorme para o ambiente.”

Ana Férias

Ana Férias nasceu em 1979 na cidade de Setúbal.
Actualmente, trabalha e vive em Setúbal.
Licenciada em Artes Plásticas na Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha.
Desde 2003, participa em exposições colectivas e individuais.

Paisagens imaginadas - Ana Férias

Fotografia Digital - 2017



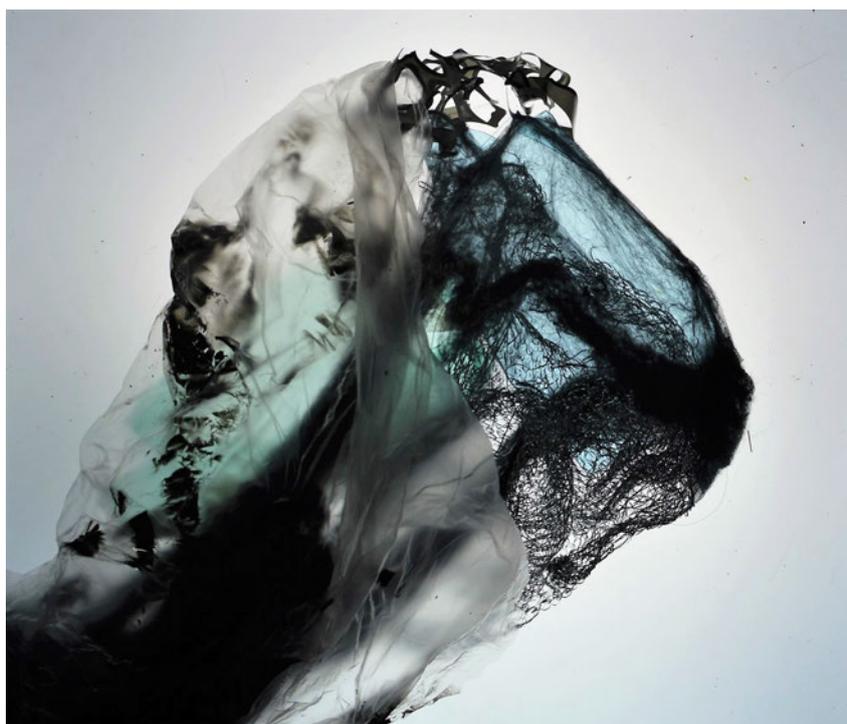
Paisagens imaginadas - Ana Férias

Fotografia Digital - 2017



Paisagens imaginadas - Ana Férias

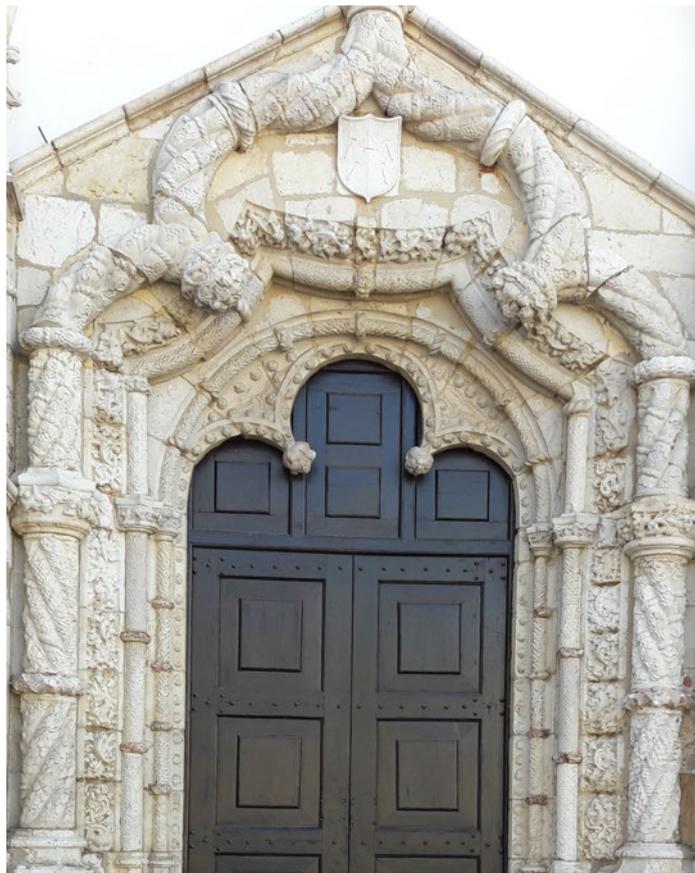
Fotografia Digital - 2017





A LASA informa os seus associados que a cerimónia de entrega dos prémios do XIX Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage terá lugar no dia 3 de Março de 2018, pelas 16h00 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal.

Muito gostaríamos de contar com a vossa presença.



Faça-se sócio da LASA e contribua, com a sua participação activa,
para a defesa da cultura e do património de Setúbal e Azeitão.

Quota anual de €10

Para mais informações, visite o sítio da internet www.lasa.pt

Ou envie-nos uma mensagem para o endereço de email

lasasetubal@gmail.com